



# ATLAS DA VIOLÊNCIA

# 2023

Daniel Cerqueira (coordenador)  
Samira Bueno (coordenadora)  
Renato Sérgio de Lima  
Paloma Palmieri Alves  
David Marques  
Gabriel de Oliveira Accioly Lins  
Ana Amélia Camarano  
Frederico Augusto Barbosa da Silva  
Danilo Coelho  
Isabela Sobral  
Karolina Chacon Armstrong  
Milena Villela  
Hugo Macedo  
Luciano Moura

Isabella Cristina Lunelli  
Liliane Bernardes  
Juliana Brandão  
Juliana Martins  
Dennis Pacheco  
Talita Nascimento  
Amanda Lagreca  
Thaís Carvalho  
Daniele Fernandes  
Carolina de Freitas Pereira  
Thamires da Silva Ribeiro  
Bruno Arouca  
Ricardo Vela

## Sumário Executivo

**ipea**

Instituto de Pesquisa  
Econômica Aplicada

## Governo Federal

### Ministério do Planejamento e Orçamento

Ministra Simone Nassar Tebet

# ipea

Instituto de Pesquisa  
Econômica Aplicada

Fundação pública vinculada ao Ministério do Planejamento e Orçamento, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiros – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

#### Presidenta

Luciana Mendes Santos Servo

#### Diretor de Desenvolvimento Institucional

Fernando Gaiger Silveira

#### Diretora de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia

Luseni Maria Cordeiro de Aquino

#### Diretor de Estudos e Políticas Macroeconômicas

Cláudio Roberto Amitrano

#### Diretor de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais

Aristides Monteiro Neto

#### Diretora de Estudos e Políticas Setoriais, de Inovação, Regulação e Infraestrutura

Fernanda De Negri

#### Diretor de Estudos e Políticas Sociais

Carlos Henrique Leite Corseuil

#### Diretor de Estudos Internacionais

Fábio Vêras Soares

#### Chefe de Gabinete

Alexandre dos Santos Cunha

#### Coordenador-Geral de Imprensa e Comunicação Social

Antonio Lassance

Ouvidoria: <https://www.ipea.gov.br/ouvidoria>

URL: <https://www.ipea.gov.br>



#### Conselho de Administração

Presidente: Marlene Inês Spaniol

Presidente de honra: Elizabeth Leeds

#### Conselheiros

Cássio Thyone A. de Rosa

Denice Santiago

Eduardo Pazinato

Edson Ramos

Marlene Inês Spaniol

Roberto Uchôa

Daniel Cerqueira

Alexandre Pereira da Rocha

Arthur Trindade M. Costa

Paula Ferreira Poncioni

Juliana Lemes da Cruz

#### Conselho Fiscal

Lívio José Lima e Rocha

Patrícia de Oliveira Nogueira

Sandoval Bittencourt

#### Diretor Presidente

Renato Sérgio de Lima

#### Diretora Executiva

Samira Bueno

#### Coordenação de Projetos

David Marques

#### Coordenação Institucional

Juliana Martins

#### Supervisão de Núcleo de Dados

Isabela Sobral

#### Pesquisadores Seniores

Aiala Couto

Juliana Brandão

Rodrigo Chagas

Leonardo Carvalho

#### Equipe Técnica

Betina Warmling Barros

Dennis Pacheco

Amanda Lagreca Cardoso

Talita Nascimento

Marina Bohnenberger

Thaís Carvalho

Isabella Matosinhos

Cauê Martins

#### Supervisão Administrativa e Financeira

Débora Lopes

#### Equipe Administrativa

Elaine Rosa

Sueli Bueno

Antônia de Araujo



# ATLAS DA VIOLÊNCIA

# 2023

## Sumário Executivo



**ipea**

Instituto de Pesquisa  
Econômica Aplicada

## SUMÁRIO EXECUTIVO – ATLAS DA VIOLÊNCIA 2023

O Atlas da Violência 2023, como realizado nas últimas edições, busca retratar a violência no Brasil principalmente a partir dos dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) e do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), ambos do Ministério da Saúde. Os dados mais atuais são relativos ao ano de 2021, com uma defasagem de dois anos, portanto, em relação ao momento atual.

### HOMICÍDIOS NO BRASIL

Segundo os registros oficiais do Ministério da Saúde, 47.847 pessoas foram mortas no Brasil em 2021. Isso representa uma redução de 4,8% na taxa de homicídios em relação ao ano anterior. Na comparação com o ano de 2011 a taxa de homicídios caiu 18,3%.

Entre os anos de 2011 e 2021, 616.095 pessoas foram assassinadas. É como se uma capital como Aracaju<sup>1</sup> fosse dizimada no período.

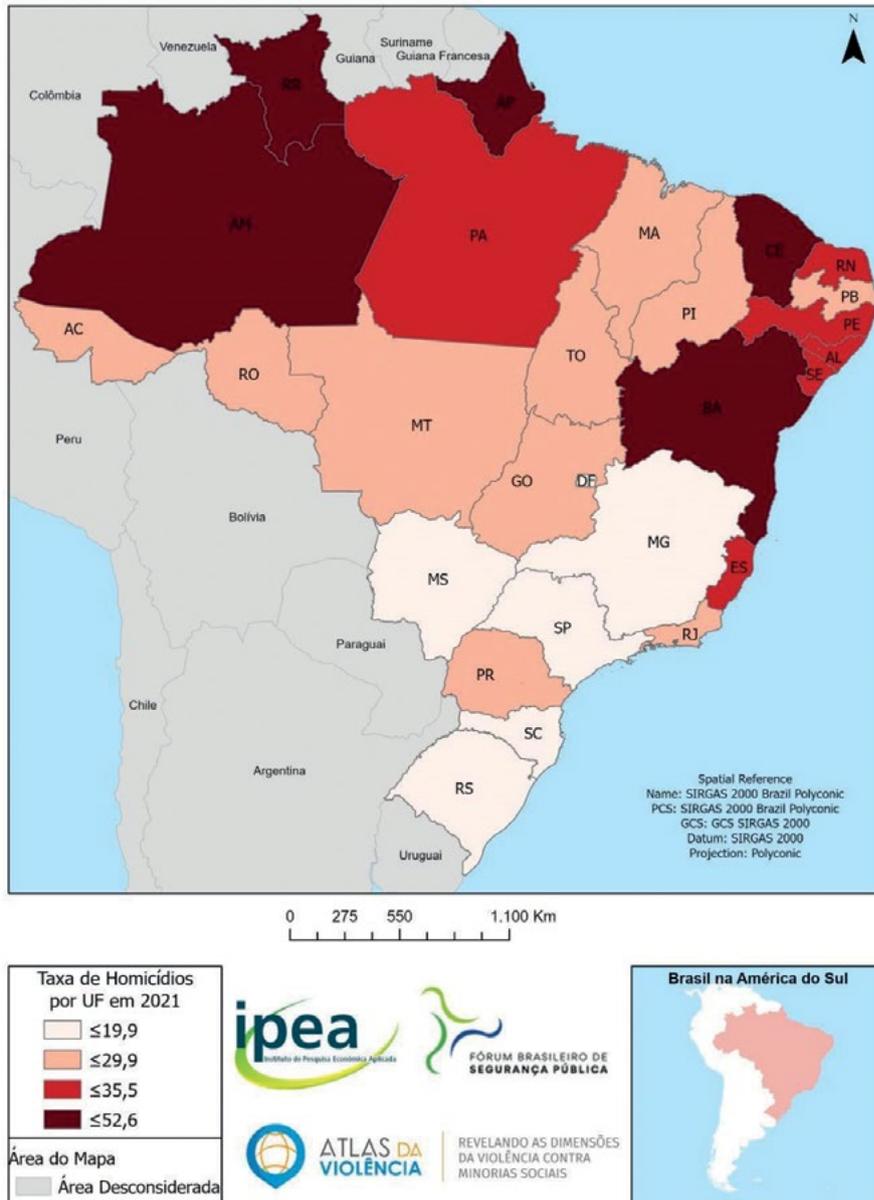
Os dados do Atlas da Violência 2023 mostram que, nos últimos anos, entre 2019 e 2021, aumentou a disparidade no país partido, tanto geograficamente, quanto em relação às desigualdades quanto à vitimização de grupos sociais vulneráveis.

As Unidades Federativas (Ufs) do Sul, Sudeste e Centro-Oeste diminuíram ou mantiveram estabilidade nos índices de mortes violentas, ao passo que se observou crescimento da letalidade violenta no Norte e Nordeste. Com isso, o mapa dos homicídios no Brasil ficou com cores mais fortes à medida que se olha do Sul para o Norte.

Ainda, na contramão da diminuição de homicídios no país, em se tratando dos grupos sociais politicamente minoritários, o período recente foi marcado pelo recrudescimento da violência letal contra negros, indígenas e mulheres.

<sup>1</sup> Segundo dados do Censo 2022, Aracaju possui 605.309 habitantes.

MAPA 1  
Taxa de homicídios por UF – Brasil (2021)



Fontes: GEAD/Copis/DPE/IBGE e SIM/CGIAE/ SVSA/MS.

Elaboração: Diest/Ipea e FBSP.

Obs.: O número de homicídios na UF de residência foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35, ou seja, óbitos causados por agressão mais intervenção legal.

## HOMICÍDIOS OCULTOS

Em relação aos dados de mortalidade violenta do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM/MS), no Atlas da Violência 2021 já alertávamos sobre a perda de qualidade dessa fonte de informações, devido ao alto número de mortes violentas com causa indeterminada (MVCI), que aumentou substancialmente a partir de 2019. As MVCI são mortes violentas cujas causas podem ser homicídios, acidentes ou suicídios, mas não foram identificadas pelo Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM). Este fato fez com que milhares de óbitos deixassem de ser classificados corretamente. Na edição atual do Atlas da Violência, apresentamos resultados do trabalho de Cerqueira e Lins (2023), que analisaram e estimaram o número de homicídios que ficaram ocultados das estatísticas oficiais por conta desse aumento no número de MVCI.

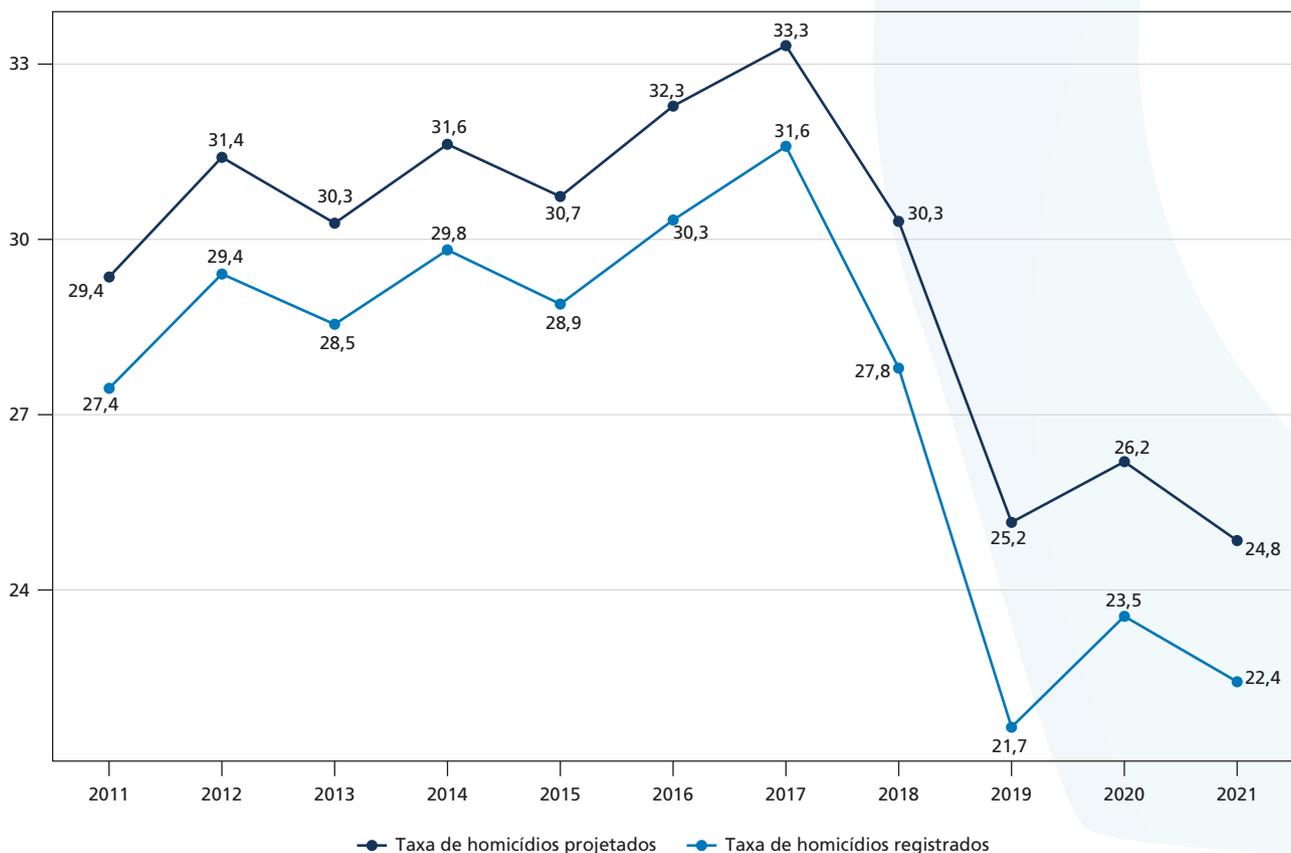
Esses autores utilizaram técnicas de *machine learning* – ou, mais precisamente, métodos de aprendizado supervisionado de máquinas – em problema de classificação, **com base nos microdados das cerca de 3 milhões e 396 mil mortes violentas ocorridas no Brasil entre 1996 e 2021**. Grosso modo, o principal algoritmo utilizado “aprende” as características associadas às vítimas e aos aspectos situacionais relacionados aos homicídios e acidentes/suicídios registrados no SIM (i.e., idade da vítima, sexo, raça/cor, estado civil, escolaridade, local do óbito, instrumento da causa básica do óbito, ano, mês, dia do óbito e UF de ocorrência) e classifica as MVCIs de acordo com a semelhança destas aos óbitos conhecidos.

Cerqueira e Lins (2023) observaram que, entre 2011 e 2021, **o Estado não conseguiu descobrir a causa do óbito em 126.382 casos. Os autores concluíram que 49.413 dessas MVCI eram, na verdade, homicídios que ficaram ocultados estatisticamente nos registros oficiais.**

**Em média, o número de homicídios ocultos foi de 4.492 ao ano. Este índice corresponde à média anual de homicídios que ocorre no estado de São Paulo, ou à queda sem sobreviventes de 150 Boeings 787 lotados, em tragédias totalmente invisibilizadas.**

A baixa qualidade dos registros oficiais de mortalidade não é, contudo, um problema disseminado no país. **Os autores indicaram que 72,5% do total de todos os homicídios ocultos estavam concentrados em quatro UFs: São Paulo, Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Considerando os homicídios ocultos, São Paulo perdeu o posto do estado menos violento da federação para Santa Catarina.**

GRÁFICO 1  
Taxa de homicídios registrados e projetados – Brasil (2011-2021)



Fonte: Cerqueira e Lins (2023).

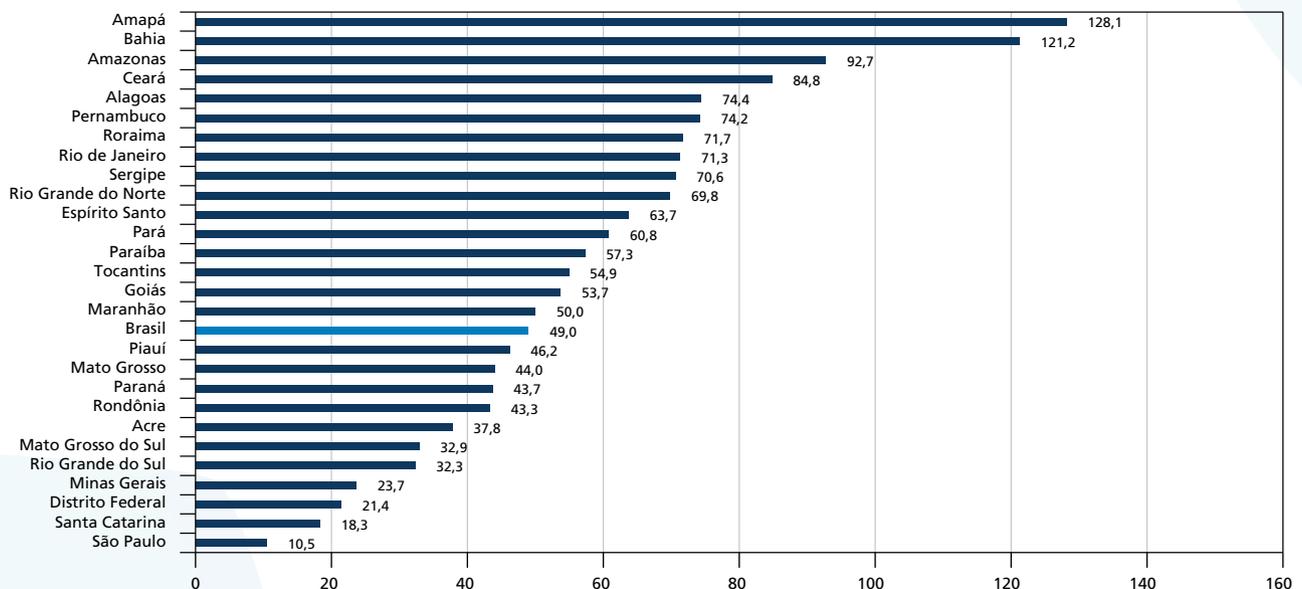
## INFÂNCIA E JUVENTUDE PERDIDAS

Lamentavelmente, a **violência letal intencional continua como a principal causa de morte dos jovens**: em 2021, de cada 100 jovens entre 15 e 29 anos que morreram no país por qualquer causa, 49 foram vítimas de assassinatos. **Dos 47.847 homicídios ocorridos no Brasil, 50,6% vitimaram jovens entre 15 e 29 anos. São 24.217 jovens** que tiveram suas vidas ceifadas prematuramente, com uma média de **66 jovens assassinados por dia no país; ou seja, a cada 20 minutos, um jovem é assassinado. No período entre 2011 e 2021, 326.532 jovens foram assassinados no Brasil.**

Apesar da redução dos homicídios no Brasil, em 2021, nove UFs apresentaram aumento na taxa de homicídio de jovens. O Atlas da Violência 2023 apontou dados sobre a **incrível heterogeneidade nas taxas de homicídio de jovens no país, que varia de 10,5, em SP, a 128,1 no Amapá.**

GRÁFICO 2

Taxa de homicídios por 100 mil jovens, por UF – Brasil (2021)



Fontes: GEAD/Copis/DPE/IBGE e SIM/CGIAE/ SVSA/MS.

Elaboração: Diest/Ipea e FBSP.

Obs.: O número de homicídios na UF de residência foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35, ou seja, óbitos causados por agressão mais intervenção legal. Considerou-se jovens indivíduos entre 15 e 29 anos.

Para além da tragédia humana, há que se considerar o impacto econômico dessa juventude perdida. Como estimaram Cerqueira e Moura (2014), essas mortes redundam em um **custo intangível de 1,5% do PIB a cada ano, ou R\$ 150 bilhões**, tomado como referência o desempenho econômico do Brasil em 2022.

**Considerando apenas as crianças e adolescentes, entre 2011 e 2021, o país assistiu ao assassinato de 107.456 indivíduos de 0 a 19 anos. São 18 crianças e adolescentes mortos a cada dia no Brasil. Que país é esse onde matamos nossas crianças?**

TABELA 1  
Número de homicídios de crianças e adolescentes por faixa etária

Faixa etária	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2011-2021
0 a 4 anos	160	199	253	210	210	204	204	213	188	173	152	2.166
5 a 14 anos	744	861	821	869	758	733	745	605	461	427	372	7.396
15 a 19 anos	8.144	9.337	9.649	10.348	9.988	10.707	11.152	9.249	6.538	6.780	6.002	97.894
<b>Total</b>	<b>9.048</b>	<b>10.397</b>	<b>10.723</b>	<b>11.427</b>	<b>10.956</b>	<b>11.644</b>	<b>12.101</b>	<b>10.067</b>	<b>7.187</b>	<b>7.380</b>	<b>6.526</b>	<b>107.456</b>

Quando analisamos a violência não letal contra crianças e adolescente, com base nos registros do Sinan/MS, vemos a face mais chocante do problema, quando o perigo mora em casa. Mais da metade dos casos de violência reportada ao sistema de saúde se inseriam em um contexto de violência doméstica, sendo que cerca de 60% deles ocorreram dentro da residência. No total, estamos falando de **mais de um milhão de agressões contra crianças e adolescentes, entre 2011 e 2021, ou uma média de quase 94 mil casos por ano.** Ou seja, **a cada hora, 11 crianças e adolescentes sofrem agressões a ponto de necessitar de ajuda médica.**

## VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES VISTA A PARTIR DA ESCOLA

A escola, que deveria ser o espaço primordial de cidadania e inclusão, muitas vezes termina sendo o local de disseminação de valores e modelos antissociais. Segundo a pesquisa PeNSE, do IBGE, de 2019, **40,5% dos alunos do nono ano nas capitais brasileiras disseram ter sofrido bullying nos últimos 30 dias.** Esta mesma pesquisa revelou que em todas as UFs uma **proporção expressiva dos estudantes se sentiu ameaçada, ofendida ou humilhada nas redes sociais nos últimos 30 dias.**

Em 2019, a PeNSE encontrou que **11,4% dos estudantes das capitais brasileiras do nono ano do ensino fundamental reportaram que deixaram de ir à escola nos últimos 30 dias não por se sentirem seguros nesse ambiente.** Trata-se de um índice crescente de insegurança captado nas quatro ondas da pesquisa aplicada desde 2009. Possivelmente, as agressões entre estudantes no ambiente escolar sejam resultado da pedagogia da violência ensinada dentro dos lares. Com efeito, **em 2019, 16,1% desses escolares reportaram ter sido agredidos por um familiar adulto nos últimos 30 dias.**

De fato, é chocante reconhecer o aprendizado de modelos comportamentais antissociais no próprio corpo de nossos estudantes. Segundo a pesquisa do IBGE, **quase 30% dos estudantes do nono ano das capitais reportaram ter sofrido agressão nos últimos 12 meses.** Complementando o quadro estarrecedor, **mais de 60% dos estudantes se sentiram tristes e acharam que ninguém se preocupava com eles nos últimos 30 dias.**

Ou seja, o cenário apresentado pela PeNSE mostra modelos de violência aprendidos nos lares que são disseminados nas escolas, muitas vezes pelos próprios estudantes, numa situação em que paira o sentimento de desamor, ingredientes para o esgarçamento dos vínculos sociais. Contudo, quando a violência irrompe episodicamente sob a forma de chacinas ou crimes chocantes, as “soluções mágicas” propostas muitas vezes passam pela aquisição de equipamentos com funções panópticas e por resolver o problema com mais polícia.

## VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

Entre 2019 e 2021, houve aumento na violência contra as mulheres, o que poderia ser explicado por três fatores: i) redução significativa do orçamento público federal para as políticas de enfrentamento à violência contra as mulheres; ii) radicalismo político, com o recrudescimento do conservadorismo, que reforça os valores do patriarcado; e iii) pandemia da covid-19, com a restrição de horário e funcionamento de serviços protetivos, o menor controle social da violência ocasionado pelo isolamento, o aumento dos conflitos engendrados pela maior convivência, o aumento das separações de casais mas também a perda econômica relativa das mulheres nas famílias.

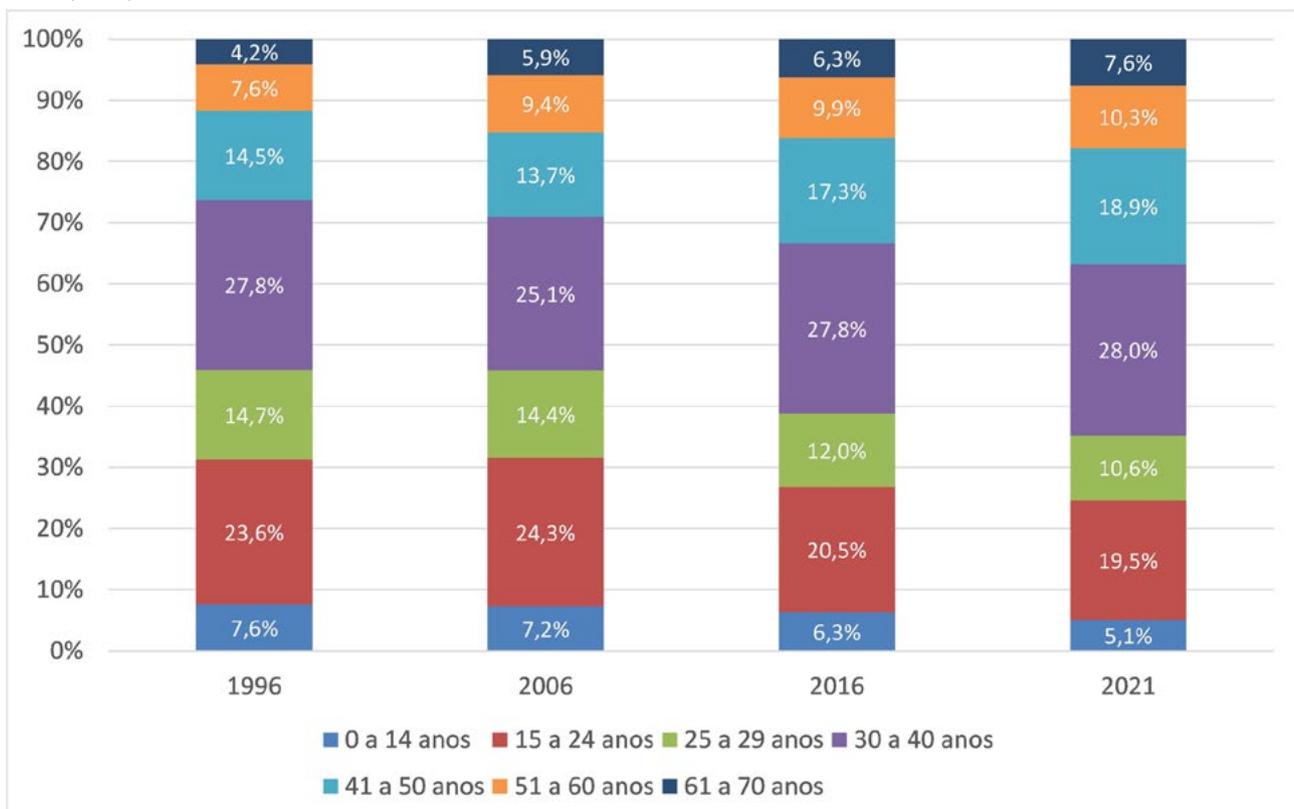
Entre 2011 e 2021, mais de 49 mil mulheres foram assassinadas no Brasil, segundo os registros oficiais. Em 2021, foram registrados 3.858 homicídios de mulheres segundo os dados oficiais, mas estimamos que houve outros 745 homicídios ocultos de mulheres. Assim, o total estimado de assassinatos de mulheres em 2021 chegou a 4.603 vítimas.

No que se refere aos feminicídios, construímos uma medida indireta que procura mensurar o fenômeno, que é sintetizada pela taxa de homicídios de mulheres que ocorreram dentro das residências. Conforme evidências nacionais e internacionais, quando há um assassinato dentro do lar, na esmagadora maioria das vezes o perpetrador é o cônjuge, familiar ou amigo próximo da vítima. Assumindo essa *proxy* como válida, encontramos certa estabilidade histórica nos feminicídios no país. Por outro lado, ao considerar os registros policiais de feminicídio desde 2015, vimos que, provavelmente, o aumento dos registros diz respeito, em parte, não ao crescimento substancial de casos, mas ao processo de aprendizado, pelos operadores do sistema de justiça criminal, em reconhecer na dinâmica do homicídio uma motivação relacionada à violência doméstica.

Entre 2012 e 2021, a taxa de homicídios de mulheres mortas dentro da residência cresceu 4,72%, ao passo que a taxa de mulheres vítimas de homicídio fora da residência teve queda de 31,1%.

Ao analisar ainda a distribuição dos homicídios de mulheres por faixa etária, há evidências da diminuição na participação de vítimas mais jovens e aumento da participação de vítimas com idades mais avançadas, conforme detalhado no gráfico abaixo. Possivelmente, esse fenômeno seja resultante da conjunção da forte mudança do regime demográfico com o fortalecimento dos movimentos feministas desde os anos 2000, que pode estar por trás de uma mudança nos valores culturais das gerações mais novas.

GRÁFICO 3  
Homicídio de mulheres dentro das residências, por faixa etária – Brasil  
(Em %)



Fonte: SIM/CGIAE/SVSA/MS.  
Elaboração: Diest/Ipea e FBSP.

Obs.: 1. O número de homicídios de mulheres na UF de residência foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35, ou seja, óbitos causados por agressão mais intervenção legal.  
2. Ilustração cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

Por fim, é importante salientar o recrudescimento recente da desigualdade na letalidade entre mulheres negras e não negras. A taxa de mortalidade por homicídio de mulheres negras foi de 4,3 por 100 mil mulheres negras, e a taxa entre não negras foi de 2,4 por 100 mil, ou seja, mulheres negras morrem 1,8 vezes mais do que as não negras por homicídio. **Entre 2020 e 2021, enquanto a taxa de homicídios para mulheres negras cresceu 0,5%, entre as mulheres não negras houve redução de 2,8%.**

## VIOLÊNCIA CONTRA A POPULAÇÃO LGBTQIAP+

No Brasil, as limitações na produção de dados sobre violência contra LGBTQIAP+ constituem o principal desafio para a compreensão e mensuração da incidência dos casos e, portanto, para a implementação de políticas públicas.

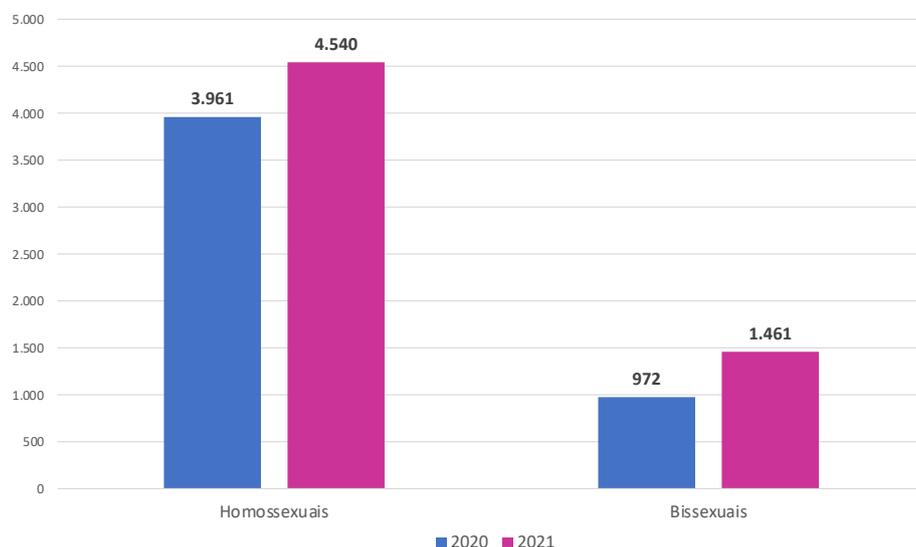
É fundamental destacar que o período mais recente, analisado por este Atlas, sobretudo entre 2019 e 2021, foi marcado pela institucionalização de discursos LGBTfóbicos. Ao mesmo tempo, o cenário até 2022 era de desinvestimento, sucateamento e instrumentalização de equipamentos estatais para perseguição sociopolítica da população LGBTQI+ e disseminação de discursos de ódio promotores de vilificação e abjeção contra tal população. Um exemplo diz respeito ao Disque 100, do antigo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), que foi denunciado no Supremo Tribunal Federal (STF) em função de sua utilização enquanto ferramenta de perseguição política e vigilância no começo de 2022. Nesse ponto, é importante ainda apontar que, embora o Disque 100 seja utilizado desde 1997 para denúncias de violações de direitos, sua metodologia foi alterada no início do governo Bolsonaro e não mais permite a obtenção de dados sobre violências motivadas por homofobia/transfobia.

Com isso, os únicos dados oficiais disponíveis nacionalmente que permitam uma análise acerca da violência contra a população LGBTQIAP+ são provenientes do Sinan/MS. Contudo, por se tratar de registros administrativos no campo da saúde, dependem, em primeiro lugar, da disposição do indivíduo vitimado em buscar ajuda em uma unidade de saúde; e, em segundo lugar, de haver no município algum estabelecimento de saúde credenciado no Sinan e com profissionais treinados para preencher a respectiva ficha.

Quando analisamos o número total de violência contra homossexuais em 2020 e 2021, vimos que o número total aumentou 14,6% em um ano, chegando a 4.540 casos. Vale destacar, no entanto, que esse período é marcado pela expansão do Sinan nos municípios brasileiros, de modo que esse crescimento pode revelar tanto o aumento da prevalência de casos como a ampliação da rede de notificação.

GRÁFICO 4

Número total de violências contra homossexuais e bissexuais



No mesmo sentido, as violências contra bissexuais tiveram crescimento de 50,3% entre 2020 e 2021, chegando a 1.461 casos. Já entre as pessoas trans e travestis foi verificado crescimento tanto dos casos de violência física (9,5%), quanto dos casos de violência psicológica (20,4%).

Ao analisar o perfil das vítimas quanto à idade, verificamos maior concentração nas faixas etárias mais jovens. No que diz respeito à raça, mais uma vez as pessoas negras são as mais vitimadas.

## VIOLÊNCIA CONTRA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

No que diz respeito à violência perpetrada contra as pessoas com deficiência (PcD), trata-se de tema em que, mais uma vez, o grande desafio analítico e para a elaboração de políticas públicas diz respeito à escassez de dados e produção de indicadores minimamente confiáveis. As exceções são a Pesquisa Nacionais de Saúde, do IBGE, e os registros administrativos do Sinan/MS.

Nesta edição do Atlas, analisamos as taxas de notificações de violência no Sinan para cada 10 mil pessoas com deficiência. Os dados sobre população com deficiência para 2021 foram projetados a partir das proporções da população com deficiência estimadas pela PNS 2013.

A primeira conclusão a que chegamos é a de que **o espaço doméstico se configura como um ambiente de risco, especialmente para mulheres**. A dependência em relação ao(s) agressor(es) para cuidados e assistência, bem como o medo de retaliação e outras consequências negativas caso o abuso seja relatado, constituem barreiras à denúncia e à busca por ajuda.

Analisando os vários tipos de violência contra PcD, **a violência física é o tipo com maior número de registros, presente em 40,4% dos casos, seguido pela violência psicológica (23,0%) e a violência sexual (16,3%)**. Vale destacar que um registro pode incluir mais de uma forma de violência de modo que, para calcular os percentuais, a unidade de análise foi a violência e não o caso. Vimos ainda que a prevalência quanto ao tipo de violência muda com a idade da vítima, migrando da violência física para a violência psicológica e a negligência/o abandono à medida que a idade aumenta. Considerando a idade das vítimas, 19,8% tinham entre 10 e 19 anos, 16,5% entre 20 e 29 anos e 15,9% entre 30 e 39 anos.

Os tipos de deficiência mais comum entre as vítimas de violência foram transtornos mentais (44,6%), deficiências múltiplas (16%), deficiência física (14,5%), intelectual (12,8%), visual (7,9%) e auditiva (4,3%).

## VIOLÊNCIA CONTRA INDÍGENAS

No *Atlas da Violência no Campo 2020* alertávamos: “o quadro descrito é extremamente preocupante (...), em especial em territórios marcados por conflitos fundiários. O ambiente político-legal tem exercido forte impacto sobre o aumento da pressão no campo. Nesse sentido, a Medida Provisória (MP) no 886/2019 (que transfere a identificação e demarcação de TIs para a alçada do Ministério da Agricultura), junto ao Projeto de Lei (PL) no 191/2020 (que autoriza a exploração de mineração, turismo, pecuária, exploração de recursos hídricos e de hidrocarbonetos em TIs) e a MP no 910/2019 (sobre regularização fundiária) emergem como sinais de alerta para o risco de aumento de conflitos violentos no campo”.

Diante desse quadro e da desestruturação dos órgãos fiscalizadores na área rural e, em particular nos territórios indígenas, inclusive com o apoio do governo Bolsonaro ao garimpo ilegal, não foi surpresa que **a violência letal contra indígenas tenha experimentado progressivo incremento no país no período entre 2019 e 2021, que variou de 18,3 homicídios por 100 mil indígenas, em 2019, para 18,8, em 2020, e 19,2, em 2021, na contramão da redução de homicídios no país. Desde 2011, o crescimento dos homicídios de indígenas chega a 29%**.



Outro ponto a destacar diz respeito ao crescimento dos suicídios entre indígenas, acima do crescimento dos suicídios na população em geral. **Entre 2011 e 2021, o fenômeno cresceu 66%; para os não indígenas, a variação foi de 61,8%. Entre 2020 e 2021, a variação foi de +30,9% para os indígenas, contra +11,4% para os não indígenas.**

TABELA 2  
Número e taxa de suicídios, Brasil e indígena – Brasil (2011 a 2021)

Ano	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021
Número (Brasil)	9.337	9.833	10.015	10.180	10.726	11.011	12.175	12.409	13.207	13.559	15.110
Taxa (Brasil)	4,9	5,1	5	5	5,3	5,4	5,9	6	6,4	6,5	7,1
Número (indígena)	97	90	113	117	132	120	150	138	136	123	161
Taxa (indígena)	10,5	9,6	11,9	12,2	13,6	12,2	15,1	13,7	13,4	12	15,5

Fonte: SIM/CGIAE/SVSA/MS.  
Elaboração: Diest/Ipea e FBSP.

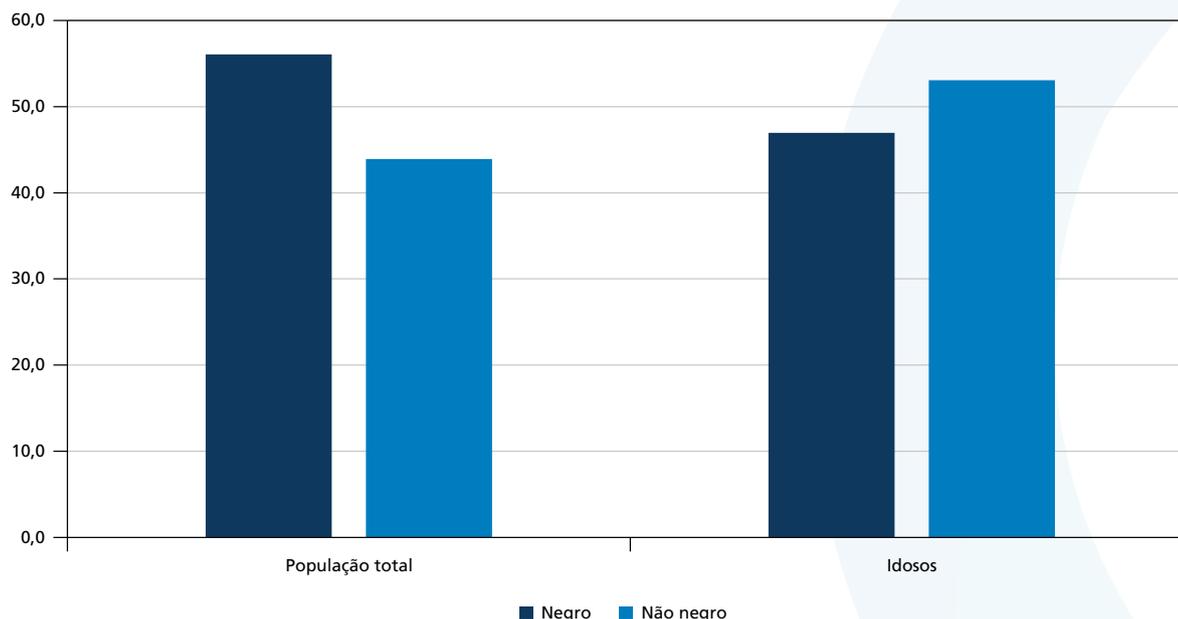
## VIOLÊNCIA CONTRA IDOSOS

Em 2022, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADc), a população idosa era constituída por cerca de 32 milhões de pessoas (15% da população brasileira). Até 2040, a projeção é que haverá substancial aumento de pessoas residentes no Brasil com mais de 60 anos. A marcha acelerada rumo ao envelhecimento da população tornará cada vez mais importante as políticas de garantia de direitos e mitigação de violência contra idosos.

Segundo o Estatuto da Pessoa Idosa, “O envelhecimento é um direito personalíssimo e a sua proteção, um direito social”. O artigo 9º do capítulo 2 assegura que “é obrigação do Estado garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade”. Para a análise feita nesse Atlas, consideramos um conceito mais amplo de violência, que inclui a não garantia desses direitos.

A violência contra idosos no Brasil tangencia, mais uma vez a questão racial. Ao considerar a expectativa de vida, idade média ao morrer e condições de vida de idosos, considerando o corte por gênero e raça, vemos um claro viés em que as violências pessoais e sociais são direcionadas com maior prevalência para as pessoas negras. Isso pode ser observado pela comparação entre a população em geral e população de idosos, tomado o corte racial. Quanto maiores as vulnerabilidades e violências, menores as chances de sobrevivência até as idades mais avançadas. Assim, enquanto a população negra é superior à população não negra, em face da menor expectativa de vida do primeiro subgrupo populacional, essa proporção se inverte, quando considerados apenas os residentes com mais de 60 anos.

GRÁFICO 5  
Proporção da população e de idosos por raça/cor – Brasil (2021)



Fonte: IBGE/PNAD Contínua, quinta visita.

As taxas de óbitos por tipos de violência também diferem quanto ao gênero e à raça dos idosos. Quando analisamos as agressões, os homens são mais vitimados do que as mulheres e os negros mais vitimados do que os não negros. Entre 2020 e 2021, o único grupo que apresentou redução na mortalidade por homicídio foi o de homens não negros idosos, com queda de 8,9%. Cresceram as taxas de mortalidade por homicídio de homens negros idosos (4,2%), de mulheres negras idosas (18,9%) e de mulheres não negras idosas (10,3%).

Contudo, quando analisamos as taxas de óbitos por quedas e por acidentes de transporte, a ordenação da vitimização não segue essa lógica, conforme apontado na tabela que segue.

TABELA 3

Taxas de óbitos por causas externas segundo as principais categorias (agressão, queda e acidente de transporte); faixa etária de 60 anos ou mais; por sexo e cor/raça (2011-2021)

	Agressão											Variação (%)		
	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2011 a 2021	2020 a 2021	2016 a 2021
Homem negro	21,6	21,3	19,9	21,8	22,1	23,3	22,7	19,4	16,1	15,9	16,6	-23,4	4,2	-28,8
Homem não negro	15,0	14,9	13,9	15,0	14,5	14,8	13,6	12,3	9,7	9,9	9,0	-40,2	-8,9	-39,0
Mulher negra	2,6	2,4	2,7	2,1	2,8	2,5	2,5	2,2	1,8	1,7	2,1	-19,8	18,9	-18,3
Mulher não negra	2,5	2,2	2,4	2,3	2,2	2,2	2,1	1,8	1,5	1,6	1,8	-28,1	10,3	-19,1
	Queda											Variação		
	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2011 a 2021	2020 a 2021	2016 a 2021
Homem negro	26,5	25,7	27,5	29,6	29,0	32,3	35,5	34,3	33,5	33,6	37,5	41,7	11,8	16,3
Homem não negro	44,0	44,3	48,4	49,9	52,8	56,2	55,8	58,3	55,4	52,5	51,5	17,0	-2,0	-8,5
Mulher negra	16,8	19,6	19,8	22,9	22,9	24,4	29,4	26,9	25,6	23,6	26,2	56,6	11,4	7,7
Mulher não negra	39,4	40,7	44,4	46,1	48,1	49,4	51,4	52,6	50,8	45,2	46,6	18,3	3,2	-5,5
	Acidente de transporte											Variação		
	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2011 a 2021	2020 a 2021	2016 a 2021
Homem negro	48,1	49,1	46,5	46,5	40,6	40,9	39,2	35,5	35,9	32,7	36,8	-23,4	12,5	-10,0
Homem não negro	49,8	46,9	45,0	45,2	40,2	39,8	36,3	35,6	34,0	31,1	30,3	-39,1	-2,3	-23,9
Mulher negra	10,6	11,8	11,0	11,9	9,9	8,9	8,5	7,8	6,5	5,6	6,4	-39,6	15,5	-27,6
Mulher não negra	16,1	15,5	14,7	14,5	11,8	11,4	10,5	9,4	9,2	6,3	6,9	-57,4	8,4	-39,6

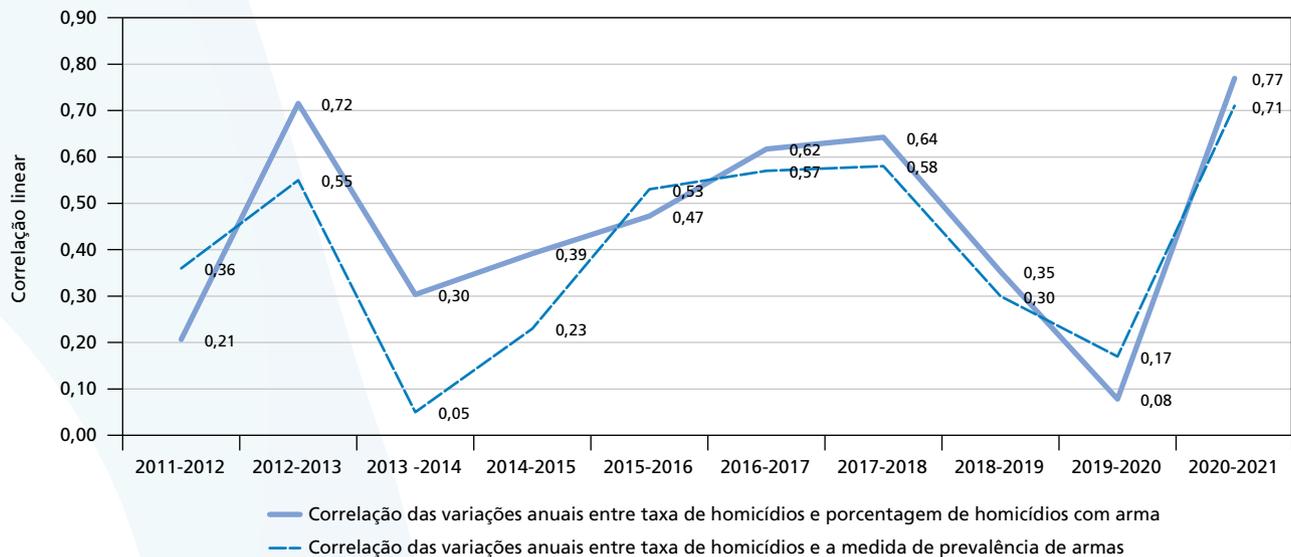
Fontes: SIM/MS e IBGE.  
Elaboração: Ipea e FBSP.

## ARMAS DE FOGO E HOMICÍDIOS NO BRASIL

No ano de 2021, o país registrou um total de 33.039 homicídios por armas de fogo. Por meio de dois indicadores, verificamos **forte correlação entre homicídios e medidas sobre uso de armas de fogo** no Brasil entre 2011 e 2021, conforme destacado no gráfico.

GRÁFICO 6

**Correlação entre as variações anuais das taxas de homicídios com as variações da proporção de homicídios com arma de fogo e da prevalência de arma de fogo – Brasil**



Fontes: GEAD/Copis/DPE/IBGE e SIM/CGIAE/ SVSA/MS.

Contudo, não existe apenas uma correlação positiva entre armas de fogo e homicídios. A literatura internacional e nacional traz evidências avassaladoras de que existe uma relação de causalidade, em que a maior difusão de armas de fogo contribui para fazer aumentar homicídios e outros crimes violentos, como descrito no Atlas da Violência 2019.

Com efeito, nos anos mais recentes, partir de 2018, caso não tivesse sido implementada a política armamentista negacionista do governo Bolsonaro, **a redução dos homicídios teria sido ainda maior do que a observada**, conforme evidências econométricas apresentadas na pesquisa “Armas de fogo e homicídios no Brasil”, produzido pelo FBSP em 2022.

De fato, estava em curso no país, a partir de 2018, uma maré a favor da redução de homicídios, impulsionada não apenas pela forte transição demográfica rumo ao envelhecimento da população, mas por políticas de segurança pública exitosas em alguns estados e municípios, e ainda pelo armistício na grande guerra do narcotráfico, em que as maiores facções criminais e seus aliados regionais disputam o controle da rota do tráfico internacional de drogas que sai do Alto Juruá, passa pelo Solimões e chega ao Nordeste, quando a droga é exportada. O aumento da difusão das armas de fogo foi um elemento que conspirou contra essa maré.

Os autores estimaram que, **se não houvesse o aumento de armas de fogo em circulação entre 2019 e 2021, teria havido 6.379 homicídios a menos no Brasil. No caso dos homicídios ou latrocínios, os efeitos resultaram diretamente proporcionais: a cada 1% no aumento das armas de fogo, as taxas de homicídio e de latrocínio aumentam 1,2%.**

No relatório, destacamos ainda os canais causais entre a difusão de armas e o aumento crimes, que se inserem em três dinâmicas. Em primeiro lugar, uma arma de fogo dentro do lar conspira contra a segurança da própria família. Uma contraface que exemplifica essa relação são os achados do Instituto Sou da Paz, que mostrou que a arma de fogo é o instrumento mais utilizado nos assassinatos de mulheres no Brasil (Instituto Sou da Paz, 2022).

Em segundo lugar, o sentimento de empoderamento que a posse da arma gera no indivíduo que se envolve em alguma contenda pode ser a senha para as tragédias diárias pelo país afora. Muitas vezes, em uma desavença banal a presença da arma de fogo é o elemento que conduz para a morte na esquina, como aquelas que ocorreram na chamada chacina de Sinop, de fevereiro de 2023, no Mato Grosso, em que discordâncias sobre o resultado de um jogo de sinuca levaram a vida de sete pessoas, incluindo uma criança de 12 anos.

Em terceiro lugar, quanto mais armas no mercado legal, mais armas migrarão para o mercado ilegal, fazendo com que o preço da arma de fogo ilegal diminua. A esse respeito, um exemplo didático foi oferecido pela Polícia Federal, com a Operação Black Market, que desarticulou uma quadrilha de tráfico internacional de armas de fogo em que os investigados haviam se cadastrado como CACs para comprar armamento de grosso calibre e acessórios.

Se não bastassem as evidências científicas acerca da tragédia perpetrada por políticas armamentistas, as inúmeras reportagens diárias flagraram os resultados maléficos das ações do governo anterior para armar a população, em que alguns exemplos são apresentados no box abaixo.

## BOX 1

**Exemplos de inúmeros casos de envolvimento de CACs com tráfico ilegal de armas**

<p><b>Data:</b> Outubro/2020</p> <p><b>Local:</b> São Paulo-SP</p> <p><b>Resumo:</b> Atirador esportivo com vários anos de prática e prêmios em competições foi preso com quatorze armas de fogo, 21 kg de pólvora, 600 kg de chumbo. Foi condenado por ligação com o Primeiro Comando da Capital (PCC) e por comércio ilegal de armas e munições. Fazia manutenção de armas e vendia munições recarregadas ao PCC.</p> <p><b>Link:</b> <a href="https://noticias.uol.com.br/columnas/josmar-jozino/2022/09/04/atirador-com-cac-cancelado-pelo-exercito-e-condenado-a-10-anos-em-sao-paulo.htm">https://noticias.uol.com.br/columnas/josmar-jozino/2022/09/04/atirador-com-cac-cancelado-pelo-exercito-e-condenado-a-10-anos-em-sao-paulo.htm</a></p>
<p><b>Data:</b> Junho/2021</p> <p><b>Local:</b> São Leopoldo-RS</p> <p><b>Resumo:</b> Colecionador foi flagrado pelo Departamento Estadual de Prevenção e Repressão ao Narcotráfico (Denarc) negociando armas ilegais, incluindo um fuzil brasonado do Exército. Negociações ilegais eram feitas pela internet.</p> <p><b>Link:</b> <a href="https://www.jornalnh.com.br/noticias/regiao/2021/06/21/colecionador-de-armas-negociava-fuzil-do-exercito-no-vale-do-sinos.html?utm_source=pocket_mylist">https://www.jornalnh.com.br/noticias/regiao/2021/06/21/colecionador-de-armas-negociava-fuzil-do-exercito-no-vale-do-sinos.html?utm_source=pocket_mylist</a></p>
<p><b>Data:</b> Janeiro/2022</p> <p><b>Local:</b> Goiânia-GO e Rio de Janeiro-RJ</p> <p><b>Resumo:</b> Victor Furtado Rebolal Lopes (vulgo Bala 40) e esposa tinham registro de CAC, que usaram para comprar todo o novo limite concedido pelo governo. Adquiriram 36 fuzis T4 Taurus (idênticos) que seriam repassados para o Comando Vermelho no RJ, além das munições. Todos os itens controlados eram comprados e transportados legalmente (com guias de trânsito do Exército).</p> <p><b>Link:</b> <a href="https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,homem-se-passava-por-colecionador-para-traficar-armas-diz-promotoria,70003960589">https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,homem-se-passava-por-colecionador-para-traficar-armas-diz-promotoria,70003960589</a></p>
<p><b>Data:</b> Junho/2022</p> <p><b>Local:</b> Porto Alegre-RS</p> <p><b>Resumo:</b> Onze armas, incluindo dois fuzis e seis carabinas. Um armeiro do crime com registro de CAC pelo Denarc do RS suspeito de fornecer e consertar armas do crime.</p> <p><b>Link:</b> <a href="https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2022/02/policia-civil-apreende-arsenal-com-fuzis-e-carabinas-em-porto-alegre-ckztwa5hs000q017cr38r8nq1.html">https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2022/02/policia-civil-apreende-arsenal-com-fuzis-e-carabinas-em-porto-alegre-ckztwa5hs000q017cr38r8nq1.html</a></p>

(Continua)



(Continuação)

**Data:** Junho/2022

**Local:** São Paulo

**Resumo:** Durante investigação sobre o uso de laranjas para lavagem de dinheiro de integrantes do PCC em empresa de ônibus de São Paulo, foram descobertas armas compradas e registradas em nomes destes mesmos laranjas. Departamento de Investigações sobre Crime Organizado (Deic) suspeita que as armas eram repassadas para ações da facção. Foram apreendidos fuzis, submetralhadoras e pistolas, além de munições.

**Link:** <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/06/policia-de-sp-investiga-suposto-esquema-do-pcc-para-compra-de-armas-via-cacs.shtml>

**Data:** Julho/2022

**Local:** Uberlândia-MG

**Resumo:** Operação Ludibrio da PF prendeu um armeiro do PCC que, mesmo tendo dezesseis inquéritos ou processos judiciais (inclusive por homicídio), conseguiu usar certidões falsas para se registrar como CAC. Tinha sete armas apostiladas em seu nome, incluindo um fuzil 556 mm e uma carabina 9 mm.

**Link:** <https://www.metropoles.com/distrito-federal/na-mira/pf-investiga-homem-que-comprou-arsenal-depois-de-falsificar-cac>

**Data:** Março/2023

**Local:** Espírito Santo

**Resumo:** A Delegacia Especializada em Armas, Munições e Explosivos (Desarme), com apoio de outras delegacias, identificou um CAC que comprava armas legalmente, registrava boletim de ocorrência (BO) falso de furto e as fornecia para organizações criminosas.

**Link:** <https://www.folhaonline.es/guarapari-drill-policia-civil-prende-suspeitos-de-fornecer-armas-para-o-traffic/>

**Data:** Junho/2023

**Local:** Rio de Janeiro

**Resumo:** CACs importavam armas, carregadores e acessórios da Flórida e revendiam para criminosos.

**Link:** <https://www.metropoles.com/colunas/paulo-cappelli/pf-enquadra-quadrilha-que-se-registrava-como-cac-para-trafficar-armas>

Elaboração: Diest/Ipea e FBSP.

Obs.: Os autores agradecem a colaboração do Bruno Langeani pelo levantamento dessas notícias.





